Questionamentos sobre o belo, mimese e representação no documentário "Arquitetura da Destruição" [1]

Dayane Gonçalves FERREIRA[2]
Gleici Kelly da Silva CORREA[3]
João Batista Chaves da CUNHA[4]
Kamilla Cristina da Cunha SANTOS[5]
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e problematizar os conceitos de belo, representação e mimese no regime nazista, a partir do documentário "Arquitetura da Destruição", de Peter Cohen. Primeiramente, realiza-se o diálogo com as posições de autores clássicos como Platão e Aristóteles sobre o ideal de beleza. Por fim, sobre a aura da arte e a reprodutibilidade, retoma-se as ideias do teórico Walter Benjamin.

PALAVRAS-CHAVE: mimese; representação; Walter Benjamin; nazismo

Introdução

O documentário produzido por Peter Cohen, "Arquitetura da Destruição" relata, com riqueza de detalhes, o ideal estético nazista. Como o próprio nome sugere, a "arquitetura da destruição" foi um plano orquestrado sobre os moldes de uma visão que juntou realidade com os ideais artísticos. Idealização que ganhou destaque através da figura de Adolf Hitler, o qual é apresentado como idealizador e arquiteto do projeto de uma Alemanha "perfeita".

Aliando arte e política, Hitler construiu um governo utilizando os dons artísticos que acreditava possuir. Ele pretendeu dar forma ao Nazismo como a um quadro ou monumento, construindo-o com o rigor e exigência de um admirador da simetria, proporção e harmonia da

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação Audiovisual do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Graduanda de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda UFPA, e-mail: gferreira.dayane@gmail.com
[3] Graduanda de Comunicação Social –Jornalismo UFPA, e-mail: kellycorrea2008@gmail.com
[4] Graduando de Comunicação Social – Jornalismo UFPA, e-mail: joaocunhajor@gmail.com
[5] Graduanda de Comunicação Social – Jornalismo UFPA, e-mail: kamillaccs@gmail.com

arte greco-romana.

Kant (2006) define que a estética se fundamenta na relação entre a natureza e a liberdade. Tal natureza diz respeito à humana, que julga algo, mesmo com uma pretensa subjetividade, a partir do que nos é apresentado. E é a partir da busca por constituir uma cultura da raça ariana, raça pura e escolhida, que a manipulação instituída pelos nazistas visava impor um conceito de belo. “Sim, este governo que consiste de homens que aspiram servir às artes está cônscio do papel do artista como intermediário." (Hans-Friedrik Blunk, Presidente da Câmara de Literatura do Reich)[6].

O governo nazista era formado, em grande parte, por artistas frustrados, os quais assumiram a responsabilidade de salvar um mundo sob a ameaça da destruição. Livre de toda a impureza, uma Alemanha mais forte e mais bonita iria surgir.

O conceito de belo, que permeia todo o pensamento Nazista, foi associado à concepção de beleza grega. Concepção que encontramos conceituada por autores importantes, como Platão e Aristóteles.

Segundo Platão, a ideia de belo serviria para conduzir o homem à perfeição. Sendo possível a definição do que poderia ser considerado belo ou não. Absoluto e eterno, o belo estaria no plano ideal, restando ao mundo sensível a busca por esta beleza perfeita, através da imitação. O belo do mundo sensível estaria associado a valores como o bem e a verdade.

Contrapondo-se a esse entendimento, Aristóteles concebeu o belo a partir de algo mais concreto. Não mais ligado à perfeição, o belo é tido como parte pertencente ao homem. É a partir dele que surge a possibilidade de julgamento do fazer artístico. A concepção de belo em Aristóteles seguia critérios como simetria, composição, ordenação, proposição e equilíbrio.

> “Aristóteles adotou a linha oposta à de Platão e em sua doutrina de catarse afirmou que as artes proporcionam uma vazão para emoções represadas, que não têm plena vazão natural nas condições de vida social. Mas conquanto as conclusões fossem contrárias, o critério era idêntico. Avaliavam-se as artes em função dos seus efeitos de aprimoramento ou aviltamento do caráter do indivíduo como unidade social e dos seus supostos efeitos sobre o próprio organismo social” (OSBORNE, 1974. p. 125).

[6] Trecho retirado do documentário “Arquitetura da Destruição”.

Das duas definições podemos concluir que o ideal estético é uma representação de algo que temos como modelo, seja ele perfeito e imutável ou mundano, e possível de evoluir. Intrínseca à natureza humana, a busca pela identificação do belo estaria relacionados com os valores morais. O que podemos facilmente identificar no documentário, com o esforço pela defesa da cultura alemã.

Imagem 1: O ideal de Belo racial idealizado por Hitler[7]

O movimento intitulado de degeneração cultural foi severamente combatido pelo governo nazista. Para eles, tal manifestação era considerada uma perversão artística, sintoma da doença mental e espiritual dos artistas. O sonho estético nazista preocupava-se em preservar valores morais, que permitiria a criação de criar o novo homem alemão, livre da miscigenação e da degeneração que poluíram o mundo.

Segundo Hitler "o maior principio de beleza é a saúde racial", para tanto ele instituiu o ideal de purificação racial, com a finalidade de criar um novo homem alemão. Portanto, todos aqueles que não se encaixassem no perfil desse dito "novo homem" deveria ser eliminado. O médico, então, passou a trabalhar a serviço dessa “remoção dos doentes”.

A proposta de embelezamento, apresentada pelos nazistas, estava presente em todas as áreas da sociedade. Com a valorização do homem, em detrimento das máquinas, demonstra a preocupação com o bem-estar das pessoas, desde que se sujeitassem a seu padrão. Centrado

[7] **“Arquitetura da destruição”**. Extraída do Google Imagens. Acesso em 21 de janeiro de 2013.

em certo tipo de julgamento de valor, as normas que o Füher condicionou o belo a um conjunto de normas a serem seguidas.

Imagem 2: "Davi" do artista Michelangelo. Paradigma da perfeição clássica[8]

Arte e Mimese no Nazismo

A arte, sobretudo a clássica, tem uma relação seminal com a construção do ideário nacional-socialista alemão, aponta Peter Cohen em "Arquitetura da Destruição". O documentário apresenta em seu texto fílmico uma tese clara, de que a experiência estética de Adolf Hitler quando jovem, um "projeto" de artista que teve as aspirações desiludidas, foi de influência fulcral para o regime que ele lideraria entre 1933 e 1945, na Alemanha.

De acordo com o filme, Hitler foi um fascinado pelas artes ditas clássicas, gregas e romanas, e pela sociedade antiga em geral e tinha pelo conceito da República de Platão um modelo e guia. Somada aos mitos nórdicos de fundação, obras de escritores e compositores germânicos (Karl May, Richard Wagner) e ideias do novo homem alemão, formou o bojo ideológico para sua sociedade ariana perfeita.

Dessa matriz artística iriam derivar as decisões do sistema nazista no âmbito político, social e de relações com o exterior. Da eliminação de judeus, o povo sem pátria que

[8] Davi de Michelangelo. Extraída de < http://cartas-dapalavra.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2013

contaminava os outros povos com ideias degeneradas, e deficientes físicos e mentais, aos filmes, símbolos e cartazes da máquina de propaganda de Joseph Goebbels.

O embricamento entre arte e política não é exclusividade do nazismo, longe disso; a inter-relação entre as duas ciências pode ser traçada através de gerações da humanidade até chegar-se a própria Antiguidade que inspirou Adolf Hitler. À exemplo, em "Do conceito de Mímesis em Adorno e Benjamin" Jeanne-Marie Gagnebin cita:

> "(...) a famosa expulsão dos poetas para fora da cidade justa, no livro X da República, retoma e conclui toda uma discussão feita nos livros anteriores, sobre a educação adequada dos guerreiros e dos dirigentes. Trata-se de um problema ideológico, a saber, da educação apropriada das futuras elites, como a chamaríamos hoje" (GAGNEBIN, 1993. p. 2).

A música, segundo a autora, era destinada à modelação da alma da criança na educação ateniense tradicional, como a ginástica para o corpo. Ambas deviam formar o futuro cidadão, tanto para governar como para ser governado. A questão das artes era questão política também. Nesse contexto, é importante fazer referência à mimese ou *mímesis*, no grego, pela importância do conceito na Antiguidade grega e romana e pelo eco que teria na ideologia e materialização do nazismo na Alemanha. Em uma acepção primitiva, a mimese é a imitação da realidade, reprodução ou representação da natureza, e é uma faculdade própria da arte. Para Platão, a criação artística era uma imitação em segundo grau, já que reproduzia o mundo sensível, que por sua vez era a reprodução do mundo das ideias, segundo sua teoria. Aristóteles, por sua vez, considerava a arte como lugar da representação direta do mundo, da semelhança. Sobre a ideia de mimese na Era Clássica na Grécia, Gagnebin conta: "Os gregos clássicos pensam sempre a arte enraizada na *mímesis*, na representação, ou melhor, na apresentação da beleza do mundo (...)".

Esse ideal de arte como reprodução da natureza e do belo é a referência maior dos ideólogos do nazismo, em especial Hitler, para a construção da nova sociedade alemã. Os valores clássicos de arte embasam a visão de homem branco, perfeito, simétrico e saudável, e justificam a aniquilação do outro, do diferente e do débil, e o repúdio, destruição e exílio de obras de arte e artistas que não compartilham do padrão estético clássico, como os quadros de escolas como o impressionismo, expressionismo, dadaísmo, cubismo e surrealismo. Na população, era estimulada a *mímesis* do ideal de homem ariano perfeito, e o desprezo a tudo aquilo que o fosse diverso. A *mímesis* como um conceito que extrapola o campo das artes,

pois toda atividade humana conta com processos miméticos, no estado nazista alemão, se faz presente nas esferas políticas sociais.

Imagem 3: "Duas Mulheres, do pintor expressionista alemão Ernst Ludwig Kirchner. Estética fora dos padrões nazistas de beleza[9]

Representação do Mundo

"O mundo é minha representação", essa é a frase de abertura do livro *O Mundo como Vontade e como Representação* de Arthur Schopenhauer. Para o filósofo esta é uma verdade válida para qualquer ser que vive e conhece, embora só o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. O ponto de partida de Schopenhauer, pois, é a representação como primeiro fato da consciência. "Sua opinião sobre o poder da arte como libertadora do sofrimento desse mundo e como uma forma de escapar do debate político iriam influenciar o jovem Hitler".[10]

Tomando essa frase vamos analisar a representação do padrão estético no filme Arquitetura da Destruição do diretor Peter Cohen. O filme mostra como se deu o nazismo desde seu inicio até sua derrocada, tendo como personagem principal Adolf Hitler e sua obsessão pela arte e pelo o que ele tinha como ideal de beleza. Hitler queria construir uma nova Alemanha baseada no seu ideal estético de belo, a estética Nazista. Hitler era bastante

[9]"Duas Mulheres na Rua", de Ernst Ludwig Kirchner. Extraída de < http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/27/919836/conheca-duas-mulheres-na-rua-ernst-ludwig-kirchner.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2013.

[10] Trecho retirado do documentário "Arquitetura da Destruição".

influenciado pelo padrão estético Greco-romano, baseado na perfeição, o que pelo ideal nazista justificou a perseguição aos judeus considerados inferiores. Como os espartanos que sacrificavam os bebês que nasciam doentes, com alguma deficiência, Hitler não deixaria que nenhum tipo de deficiência ou imperfeição colocasse em risco os planos dos nazistas para a nova e imbatível Alemanha.

Imagem 4: Representação feminina e masculina do ideal nazista de beleza[11]

Na tese a "Arte como Transfiguração da Realidade" ela não imita mesmo a realidade ou natureza, mas sim transforma-a, isto é, corrige-a , positivamente ou negativamente, transforma-a ou transfigura-a naquilo que ela deveria ser ou que o artista queria que fosse. Era o que Hitler procurava fazer. Transformar a Alemanha também através do que ele considerava como a "boa" arte, por isso vários trabalhos de artistas modernos foram expurgados e queimados, os trabalhos eram considerados inapropriados, os nazistas diziam que as obras dos artistas modernos mostravam sinais de doença mental de seus criadores.

Imagem 5: Imagem extraída do filme. Comparação entre obras modernas e pessoa com deficiência[12]

[11] Cena do documentário "Arquitetura da Destruição" de Peter Cohen.

> "O mundo é a minha representação, quando o homem se dá conta disso, pode-se dizer que nasceu nele o espírito filosófico. Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol nem uma terra, mas apenas olhos que veem este sol, mãos que tocam esta terra; em uma palavra, ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação, na sua relação com um ser que percebe que é o próprio homem" (SCHOPENHAUER, 2001).

O nazismo também baseou seus ideários na teoria do super-homem de Friedrich Nietzsche, dominador das paixões, que emprega sua força para vencer qualquer obstáculo. Os nazistas aproveitaram essas palavras para distorcer o pensamento de Nietzsche e criar o mito da superioridade da raça ariana que, segundo eles, seria o "super-homem", guiado pela "vontade de poder".

Segundo Schopenhauer, a História nos mostra a Ideia do Homem, mas não o Homem em si mesmo. Ele nega que o tempo possa criar algo realmente novo e que o fim da História seria o aperfeiçoamento Máximo do ser humano. Com isso Schopenhauer descarta ideias como as do Nazismo, que tanto sangue derramou em busca de um suposto aperfeiçoamento do Homem.

A reprodutibilidade técnica no regime nazista

Como visto, o nazismo idealizado por Hitler foi um ideal estético criado para fundamentar sua ideologia política, pois se baseava na busca pelo ser perfeito, pelo belo. Assim, não podemos deixar de falar da reprodutibilidade que essa ideologia teve na era nazista.

Ao abordar a reprodutibilidade técnica, pode-se lembrar que Benjamin enxergava nela a perda da aura da obra de arte e de sua autenticidade. "Mesmo na reprodução mais perfeita falta uma coisa: o aqui e agora da obra de arte" (BENJAMIN, 1994). Assim, podemos ousar afirmar que era como Hitler via a sociedade Alemã em seu tempo como algo que perdeu o seu valor inicial e está se disseminando pelo país como algo prejudicial aos preceitos raciais por ele adotado.

Para o movimento nazista, a decadência, termo muito utilizado na época, se apresentava nas artes, através das obras do modernismo, e no mundo, na figura dos loucos, deficientes, negros, miscigenados, homossexuais e, principalmente, judeus. O ideal estético de Hitler levou o nazismo a uma perversa aproximação da estética na arte e na Humanidade e,

[12] Cena do documentário "Arquitetura da Destruição" de Peter Cohen.

tomando como princípio a necessidade de embelezar o mundo a qualquer custo, este arquiteto da destruição iniciou sua "obra" com a eliminação de tudo o que ele considerava imperfeito.

Assim, Hitler tenta voltar ao "natural" eliminando tudo o que, em sua concepção, desvirtua a raça alemã e para isso ele passa a disseminar as suas ideias de pureza racial, eliminação do feio, destruição do mau-gosto. Ele passa, então, a construir o ideal de belo à sua semelhança. E o povo alemão começa a reproduzir esse ideal, mesmo sem saber na época que se tratava de um ideal mais estético que político. (BENJAMIN, 1994).

É importante salientar que não estamos comparando aqui o nazismo a alguma obra de arte, e sim utilizando o termo de reprodutibilidade criado por Benjamin para explicar a disseminação do Nazismo exposto no documentário. Pois foi algo idealizado por um homem e passou a ser cultuado e admirado pela maioria da população alemã, assim como acontece com as obras de arte, que quanto mais se reproduz, mais pessoas passam a conhecê-la e/ou cultuá-la.

Imagem 6: "Família de camponeses de Kalenberg" de Adolph Wissel (1939). A representação de uma família na qual todos os indivíduos são representados à semelhança do ideal do "homem ariano"[13]

Dessa forma, o documentário se constitui como uma importante exposição estética, uma demonstração de como a ligação da arte com o exercício do poder formou as características que justificam os fundamentos nazistas. Almejou-se a criação de um governo que, assim como um artista, transformaria e traçaria os contornos dos desejos, sonhos e

[13] "Família de camponeses de Kalenberg", de Adolph Wissel (1939). Disponível em <http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/a-arte-nazista.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2013.

projetos do povo. Mas ao fim, temos um cenário de destruição, o resultado de uma estrutura que ruiu nas mãos do arquiteto.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Volume 1. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2.ed. v.1. São Paulo Companhia das Letras, 2002.

DE FREITAS, Nivaldo Alexandre. **Apontamentos sobre mímesis no pensamento de Adorno e Benjamin**. Em: <www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues-/2c60a.pdf> Acesso em: 19 de janeiro de 2013.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do conceito de mímesis no pensamento de Adorno e Benjamin.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

KANT, Immanuel**. Crítica da razão pura.** Volume 3 de Coleção a obra-prima de cada autor São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. **A concepção kantiana da experiência estética**: novidade, tensões e equilíbrio. TRANSF/FORM/AÇÃO: Marília. V.33, N.2, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: companhia das Letras, 2011.

OSBORNE, Harold. **Estética e Teoria da Arte**. Traduzido por Octávio Mendes Cajado. 2. ed. São Paulo: Cutrix, 1974.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade e Representação**. Rio de Janeiro: contraponto, 2001.